



Universidade de Lisboa
Faculdade Motricidade Humana



Relatório final de Estágio realizado na Escola Secundária Fernando Namora no
ano letivo 2015/2016

Dissertação elaborada com vista à obtenção o grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Professor Doutor Nuno Januário

Júri:

Presidente

Professor Doutor Adilson Passos da Costa Marques

Vogais

Doutor Nuno Miguel da Silva Januário, professor auxiliar
da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de
Lisboa

Mestre Hamilton Marcus Alcoforado dos Santos,
especialista de mérito em Ensino da Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário

João Miguel Magalhães D'Almeida

2017



Universidade de Lisboa
Faculdade Motricidade Humana



Relatório de Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Fernando Namora, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em Educação Física desenvolvido na Escola Secundária Fernando Namora, sob a supervisão do Prof. Doutor Nuno Januário e do Mestre Hamilton Marcus no ano letivo 2015/2016

João Miguel Magalhães D´Almeida

2017

RESUMO

O presente relatório surge com a conclusão do estágio pedagógico realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade Motricidade Humana. O estágio pedagógico foi realizado na Escola Secundária Fernando Namora e teve como principal referência o desenvolvimento da minha intervenção em quatro áreas de formação, expressas no guia de estágio: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1), Investigação e Inovação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4).

Foi com a lecionação a uma turma de 7º ano de escolaridade na qual desenvolvi todas as competências definidas nas áreas acima mencionadas, bem como na articulação entre estas. O relatório de Estágio surge como um documento de carácter reflexivo sobre o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Desta forma, recorrendo a reflexões desenvolvidas aquando do processo de formação supervisionado, irei proceder a uma análise crítica que visa abordar as dificuldades sentidas, experiências vividas e aprendizagens quer ao nível do ensino, da investigação, acompanhamento da Direção de Turma e função de Diretor de Turma e ainda a coadjuvação do Desporto Escolar.

Palavras-chave: Estágio Curricular; Educação Física; Escola; Ensino; Aprendizagem; Avaliação.

ABSTRACT

The present report comes with the conclusion of the pedagogic internship carried out in the Physical Education in Basic and Secondary education Master from Faculdade de Motricidade Humana. The pedagogic internship took place in Escola Secundária Fernando Namora and had as a main reference the development in my intervention in four áreas of formation, expressed in the internship guide:

Teaching and learning organization and management (Area 1), Pedagogic investigation and innovation (Area 2), School participation (Area 3) and community relationship (Area 4).

The improvement of all the áreas that were mentioned before, and the relationship between them, happened as a consequence of teaching a 7th grade class. The internship report comes up as reflective character document of my personal and professional development.

Thus, using developed reflections of the supervised formation process, I will proceed to a critical analysis exposing the biggest difficulties, lived experiences and learnings that happened as consequence of the teaching, investigation, Class director monitoring and function and school sports support.

Key words: Pedagogic Internship; Physical Education; School; Teaching; Learning; Evaluation;

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Calendarização Plano Anual de Turma	8
Tabela 2 – Análise das AFD – 2º etapa de formação (Exemplo)	10
Tabela 3 – Redefinição de prioridades – planeamento da 3º etapa de formação (Exemplo).....	11
Tabela 4 – Formação de grupos – 3º etapa de formação (Exemplo)	12
Tabela 5 – Correspondência entre o nível de desempenho e a pontuação	28
Tabela 6 – Critérios de avaliação da disciplina.....	29

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – 2/3 do pavilhão	3
Figura 2 – 1/3 do pavilhão	3
Figura 3 – Ginásio do pavilhão	3
Figura 4 – Espaço exterior	4
Figura 5 - Ondas	15
Figura 6 - Estações	15
Figura 7 - Xadrez	16

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	2
1.1. ESCOLA	2
1.2. GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NÚCLEO DE ESTÁGIO	4
1.3. TURMA	4
2. ANÁLISE/ REFLEXÃO CRÍTICA DAS 4 ÁREAS DE FORMAÇÃO.....	6
2.1. ÁREA 1: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM.....	6
2.1.1. Planeamento.....	6
2.1.2. Condução do Ensino	14
2.1.3. Avaliação.....	23
2.2. ÁREA 2: INOVAÇÃO E INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA.....	29
ÁREA 3: PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA.....	32
2.2.1. Desporto Escolar	32
2.2.2. Ação de Formação na Escola.....	36
2.3. ÁREA 4: RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	38
2.3.1. Estudo de Turma	38
2.3.2. Direção de Turma	40
CONCLUSÃO / REFLEXÃO FINAL.....	46
REFERÊNCIAS	47

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ESFN – Escola Secundária Fernando Namora

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

GEF – Grupo de Educação Física

EDF – Educação Física

DT – Diretor de Turma

AFD – Atividades Físicas e Desportivas

AF – Aptidão Física

FUT – Futebol

BASQ – Basquetebol

VOL – Voleibol

AND – Andebol

GIN – Ginástica

APA – Ginástica de aparelhos

ACRO – Ginástica Acrobática

SA – Salto em altura

BARR – Corrida de barreiras

BAD – Badminton

PAT – Patinagem

DAN – Dança

RES – Resistência

FOR - Força

FLEX – Flexibilidade

VEL – Velocidade

COO – Coordenação

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

AS – Avaliação Sumativa

AI – Avaliação Inicial

DE – Desporto Escolar

INTRODUÇÃO

A realização deste relatório final de estágio, que reporta todo o meu percurso ao longo do ano letivo 2015/2016 na Escola Secundária Fernando Namora (ESFN), surge no âmbito do Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade Motricidade Humana. Desta forma, o presente documento visa relatar, refletir e avaliar todas as atividades desenvolvidas, de acordo com o grau de realização dos objetivos previamente estabelecidos pelo Guia de Estágio Pedagógico.

Procedendo a uma análise crítica, contextualizada, projetiva e fundamentada de todas as tarefas e atividades desenvolvidas durante o ano letivo, irei começar por fazer uma contextualização de todo o processo de estágio, expondo as condições e características de realização deste. De seguida, irei de forma minuciosa analisar criticamente as quatro diferentes áreas de formação do estágio pedagógico (Organização e gestão do ensino e da aprendizagem, Investigação e inovação pedagógica, Participação na escola e a Relação com a comunidade), onde pretendo que esta reflexão tenha como fundamentação, a realização dos objetivos, os obstáculos encontrados, as estratégias utilizadas e as decisões tomadas visando o sucesso do mesmo.

Em termo final, surge a conclusão, que de forma geral reflete sobre toda a minha apreciação acerca do processo de estágio e as repercussões que este teve tanto a nível profissional como pessoal, projetando ainda sobre necessidades e/ou debilidades daquele que é o meu desenvolvimento profissional pós-estágio.

O presente relatório elaborado segue as normas pré-estabelecidas pela American Psychological Association (APA).

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Durante o presente relatório será realizado um breve enquadramento do contexto físico da Escola Secundária Fernando Namora, das dinâmicas organizacionais e pedagógicas da instituição, bem como a descrição da turma à qual lecionei e na qual foram desenvolvidas atividades durante o ano letivo.

1.1. ESCOLA

A Escola Secundária Fernando Namora, pertencente ao Agrupamento de Escolas Amadora 3 (Escola Secundária Fernando Namora – sede, Escola Básica 2/3 Sophia de Mello Breyner Andresen, Escola Básica 1 / Jardim de infância da Brandoa, Escola Básica 1 / Jardim de infância Sacadura Cabral e ainda o Jardim de infância 2 da Brandoa), situa-se na freguesia da Brandoa do município da Amadora. Esta escola foi criada em 1978 como Escola Secundária da Brandoa, que nos dias de hoje é composta por mais de mil alunos que se dividem pelo 3º ciclo do Ensino Básico e pelo Ensino Secundário. A população escolar é na sua maioria proveniente das Escolas Básicas 2, 3 de Alfovelos e Brandoa, definindo-se por uma população com condições socioeconómicas baixas, onde nem sempre há um lugar próprio e adequado para estudar.

No que diz respeito a recursos materiais a escola oferece condições bastante satisfatórias para exercermos a nossa função e conseqüente formação, sendo que é constituída por seis grandes pavilhões de dois andares identificados de A a F, refeitório, pavilhão multidesportivo e campo de jogos exterior. No pavilhão A tem lugar a Direção, Serviços Administrativos, Reprografia, A.S.E., Biblioteca, Gabinete do Aluno, Sala de Diretores de Turma e o Espaço Saúde. O pavilhão B é constituído somente por salas de aula, de onde se destaca a sala de técnicas de expressão – teatro e a sala de educação tecnológica. Por conseguinte os pavilhões C, D, E e F, são constituídos por salas de aula e laboratórios que dispõem de retroprojetores, quadro interativo e computador com ligação à Internet. Ainda no apoio ao aluno e ao potenciar do desenvolvimento escolar e pessoal do aluno, posso destacar os seguintes serviços e atividades: gabinete de apoio ao aluno, tutoria, apoio curricular, serviço de psicologia e orientação, projeto de educação para a saúde, projeto eco escolas, desporto escolar, entre outros.

Ao serviço da disciplina de Educação Física, a ESN, dispõe de um pavilhão multiusos e de um campo exterior para a prática de atividade física e desportiva, sendo que estes

mesmos espaços se dividem constituindo quatro espaços distintos que compõem os espaços de desenvolvimento da lecionação da disciplina de Educação Física. Assim, o interior do pavilhão divide-se em dois espaços (espaço 1 e 3), sendo que este dispõe ainda de um ginásio (espaço 2) e por fim, o campo exterior (espaço 4).

O espaço 1 (Figura 1) é constituído por dois terços do pavilhão e este possui quatro tabelas de basquetebol, uma das balizas do campo de futsal que atravessa todo o pavilhão e permite ainda a colocação de uma rede de badminton (3 campos) ou duas redes de voleibol com as respetivas marcações dos campos.

Figura 1 – 2/3 do pavilhão



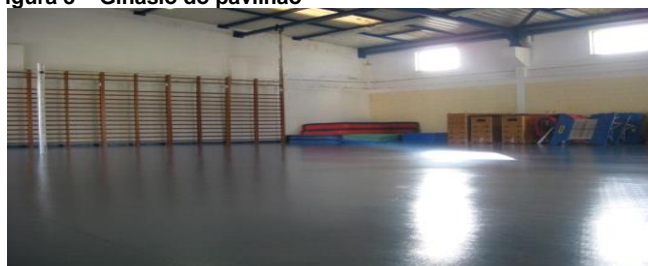
O espaço 3 (Figura 2) é constituído por um terço do pavilhão. Este possui duas tabelas de basquetebol, uma das balizas do campo de futsal que atravessa todo o pavilhão, uma parede de escalada com quatro vias e permite ainda a colocação de uma rede de badminton (3 campos) ou de uma de voleibol com as respetivas marcações dos campos.

Figura 2 – 1/3 do pavilhão



O espaço 2, ginásio do pavilhão, encontra-se apetrechado de argolas, paralelas, barra-fixa, plintos, boques, colchões de quedas, colchões de ginástica, minitrampolins, trampolins *reuther*, trave olímpica, espaldares, bolas suíças e ainda aparelhagem.

Figura 3 – Ginásio do pavilhão



Por sua vez, o espaço 4 (Figura 4) que se define por ser um espaço exterior, sendo constituído por duas pistas de atletismo, um campo de voleibol sem as medidas oficiais e um campo com as medidas oficiais de um campo de andebol. Todo o espaço possui um pavimento alcatroado.

Figura 4 – Espaço exterior



1.2. GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NÚCLEO DE ESTÁGIO

O Grupo de Educação Física (GEF) encontra-se inserido no Departamento de Expressões, estrutura que representa as áreas curriculares de Artes Visuais, Educação Física, Educação Tecnológica e Ensino Especial. O GEF é constituído por nove professores e dois professores estagiários.

Importa referir o bom ambiente e disponibilidade com que fui recebido na escola logo desde o início, destacando os órgãos de gestão, departamento de Expressões, os demais professores e funcionários. Quanto ao GEF logo desde cedo todos se mostraram bastante disponíveis, para que sempre que necessário, fossemos esclarecidos e ajudados.

O núcleo de estágio deparou-se então com uma realidade bastante bem organizada e coesa o que nos permitiu preocuparmo-nos com questões mais próprias e individualizadas quanto às tarefas que viríamos a desempenhar. Destaca-se que, o protocolo de avaliação inicial, a definição do tempo para esta tarefa, o próprio *roulement*, as grelhas de observação e registo de matérias eram já dados adquiridos e concretizados uma vez que o GEF já disponibilizava um Plano Curricular da disciplina de Educação Física, onde se encontrava toda a informação necessária relativa ao processo de lecionação de matérias, análise e avaliação. Assim e tal como já referido, permitiu-nos focar a nossa atenção em questões mais práticas como a abordagem inicial aos alunos e consequentemente à turma, a estruturação e organização da aula.

1.3. TURMA

Enquadrando o grupo ou turma com quem desenvolvi este meu ano de estágio

pedagógico, 7º2, esta pertencia assim ao primeiro ano do terceiro ciclo de formação do Ensino Básico, constituído por 28 alunos, 12 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, em que as idades destes se encontravam compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Tratando-se de uma turma bastante heterogénea, onde foi demais evidente que as suas motivações e interesses variavam no seio desta, fazendo com que numa fase inicial do ano letivo, eu, enquanto professor estagiário me preocupasse com questões de relação entre aluno-aluno, aluno-professor e ainda aluno-matéria. Assim, com vista a estimular os alunos foi necessária uma preparação mais cuidada relativamente às atividades propostas.

De notar é o fato de a maior parte da turma ser proveniente da Escola Básica 2/3 Sophia de Mello Breyner Andresen à exceção de sete alunos repetentes e provenientes de uma turma em que somente oito alunos teriam transitado de ano de escolaridade. Destacam-se ainda os processos individuais de um grupo de oito alunos, em que três destes se definem com a obtenção do Escalão A, três do Escalão B e ainda dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (dislexia áudio-linguística e asma).

As demais diferenças no seio da turma vieram a ser confirmadas mais tarde com a consecução do estudo de turma (sociométrico) que nos forneceu informações muito pertinentes quanto às relações e motivações dos alunos de acordo com a heterogeneidade encontrada. Confrontando os alunos através de três grandes grupos de questões, procuramos apurar, no domínio social, quem seriam os alunos mais convidados a irem às festas de aniversário dos colegas da turma, no domínio académico, quem seriam os alunos mais selecionados para formar grupo de trabalho e ainda no domínio desportivo, quem seriam os alunos mais escolhidos para formarem grupo no seio das aulas de Educação Física.

Contudo e analisando as respostas dos alunos o objetivo desta recolha de informação visou principalmente identificar a dinâmica dos alunos no seio da turma e consequentemente desta como um todo, a procura do sucesso nas aprendizagens dos alunos, a motivação destes para aprender, idealizando assim grupos de trabalho e cooperação que promovessem uma melhor integração social de todos.

2. ANÁLISE/ REFLEXÃO CRÍTICA DAS 4 ÁREAS DE FORMAÇÃO

2.1. ÁREA 1: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

A área 1 que se refere à organização e gestão do ensino e da aprendizagem, encontra-se definida segundo os seguintes parâmetros: o planeamento, a condução do ensino e ainda a avaliação. Sendo que esta é a área de maior domínio da atividade docente pois, relaciona-se diretamente com o processo de ensino e aprendizagem visando decisões pré-interativas, interativas e pós-interativas.

2.1.1. Planeamento

2.1.1.1 Planeamento da Avaliação Inicial

Segundo Rosado (2003) este documento integra a organização, o acompanhamento, a avaliação, as estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para uma turma. Sendo que o processo de planejar é ditado por um conjunto de planos nos quais o professor expressa as suas decisões, abrangendo assim diferentes níveis de planeamento. A um nível macro e após o período de avaliação inicial de onde se recolhem todas as informações, aparece o Planeamento Anual de Turma que visa: (a) caracterização da turma com base nos resultados obtidos no estudo de turma; (b) caracterização dos recursos disponíveis para as aulas de Educação Física; (c) descrição das três grandes áreas de intervenção da disciplina de Educação Física: as Atividades Físicas e Desportivas, a Aptidão Física e os Conhecimentos; (d) balanço da Avaliação Inicial com uma análise qualitativa e quantitativa que descreve o nível de prestação da turma em cada matéria; (e) identificação dos casos particulares de alunos com mais dificuldades e dos alunos com melhores prestações que podem funcionar como agentes de ensino; (f) definição de matérias prioritárias; (g) definição de grupos de nível em cada matéria; (h) periodização das matérias, capacidades físicas e conhecimentos; (i) decisões metodológicas que sustentam as opções e estratégias adotadas.

De acordo com o planeamento da Avaliação Inicial, destaco como principais dificuldades iniciais, a recolha de dados e comportamentos dos alunos nas diferentes matérias durante o período de tempo destinado ao efeito. Devido à minha inexperiência deveria desde cedo ter definido estratégias de organização e medidas facilitadoras de observação e recolha de comportamentos que me ajudassem ao longo deste período de tempo a recolher informações pertinentes de forma mais rápida e eficaz. Embora o Núcleo

de Estágio tenha delineado estratégias e criado fichas de observação e recolha de prestações, este revelou-se nos primeiros momentos algo confuso e desajustado na medida em que o registo era demorado. O estudo autónomo e a compreensão dos critérios de êxito tornaram-se ferramentas muito importantes pois foram uma mais-valia para que o registo fosse facilitado. Outra das soluções encontradas e que viria a evoluir ao longo do ano letivo foi, o posicionamento e circulação para com a turma, o planeamento do espaço de aula e a preparação do mesmo, ter sempre em conta a tarefa e o objetivo e desta forma a observação e a recolha de dados pertinentes foi se tornando mais fácil e rápida.

Em suma, devo ter em conta as estratégias acima descritas para que no futuro estas lacunas sejam mais rapidamente colmatadas. Ainda assim as situações de avaliação e recolha de informação podem e devem ser ajustadas para que dentro da mesma estação/tarefa possam existir diferentes níveis de evolução ou progressão e assim mais facilmente proceder a uma identificação e separação de grupo de alunos pelas suas prestações e comportamentos.

2.1.1.2 Planeamento Anual De Turma

Ainda no seguimento desta análise mas agora focando o Planeamento Anual de Turma as principais dificuldades com que fui confrontado prenderam-se essencialmente com a afetação dos recursos aquando da lecionação das três grandes áreas de intervenção da disciplina. As aulas terem de ser planeadas de acordo com o espaço disponibilizado para o efeito através do *roulement* onde se encontra definido para todo o ano letivo, a rotação dos espaços para todas as turmas da escola. Assim sendo, as matérias para além de terem de ser priorizadas em função das dificuldades apresentadas pelos alunos nos seus desempenhos têm ainda de respeitar a possibilidade de serem desenvolvidas em cada espaço de acordo com o seu apetrechamento material e condições próprias de funcionamento. Como por exemplo o espaço 2, ginásio, é ideal para o desenvolvimento das matérias de ginástica e dança, pois é neste espaço que se encontram armazenados todos os aparelhos gímnicos e colchões bem como um espelho de parede e aparelhagem. Desta forma fui obrigado a ultrapassar esta barreira, tendo de priorizar as diferentes matérias em função do espaço da aula.

Tabela 1 – Calendarização Plano Anual de Turma

Etapa	Datas	Espaço	Matérias											Aptidão Física					
			Fut.	And.	Vol.	Basq.	Solo	Apa.	Acro.	S.A.	Barr.	Pat.	Bad.	Dan.	Res.	Forç.	Vel.	Flex.	Coor.
1ª Etapa	21 a 25 Set.	3			X	X									X				
	28 Set. – 2 Out.	3	X	X											X				
	5 a 9 Out.	4	X	X												X			X
	12 a 16 Out.	1			X	X						X							X
	19 a 23 Out.	2					X	X					X			X		X	
	26 a 30 Out.	3								X	X				X	X			
2ª Etapa	2 a 6 Nov.	4										X					X		
	9 a 13 Nov.	1			X	X										X			X
	16 a 20 Nov.	2					X		X				X			X		X	
	23 a 27 Nov.	3			X	X										X			X
	30 Nov. – 4 Dez.	4		X							X	X			X		X		
	7 a 11 Dez.	1			X	X							X			X			X
	14 a 17 Dez.	2					X	X	X									X	X
	4 a 8 Jan.	3			X	X				X						X			X
	11 a 15 Jan.	4	X	X							X	X			X				X
	18 a 22 Jan.	1			X	X							X			X			X
	25 a 29 Jan.	2					X	X	X					X				X	X
	1 a 5 Fev.	3			X	X				X									X
	11 e 12 Fev.	3		X		X							X			X	X		X
3ª Etapa	15 a 19 Fev.	4	X	X							X	X			X		X		
	22 a 26 Fev.	1			X	X							X			X			X
	29 Fev. – 4 Mar.	2					X	X	X					X				X	
	7 a 11 Mar.	3			X	X							X			X	X		X
	14 a 18 Mar.	4	X	X							X	X			X		X		
	4 a 8 Abr.	1			X	X				X			X		X	X			X
	11 a 15 Abr.	2					X	X	X					X				X	X
	18 a 22 Abr.	3			X	X					X					X			X
	26 a 29 Abr.	4	X	X							X	X			X		X		
4ª Etapa	2 a 6 Maio	1			X	X							X		X	X			X
	9 a 13 Maio	2					X	X	X					X		X		X	X
	16 a 20 Maio	3			X	X				X						X			X
	23 a 27 Maio	4	X	X							X	X			X		X		
	30 Maio – 3 Jun.	1			X	X							X		X	X			X
	6 a 9 Jun.	2					X	X	X					X		X		X	X

Como se pode observar não só a área das Atividades Físicas e Desportivas é determinada e influenciada ou afetada pelos recursos espaciais e materiais mas também a área da aptidão física o é. Assim a própria lecionação, desenvolvimento e planeamento das capacidades físicas e condicionais devem ter em conta o espaço e material que a própria aula poderá ou não usufruir.

- Desenvolvimento da matéria de dança e ginástica no espaço 4 (exterior);
- Desenvolvimento da matéria de badminton nos espaços 2 (ginásio) e 4 (exterior);
- Desenvolvimento da matéria de atletismo (velocidade e barreiras) e patinagem nos espaços 1 (2/3 pavilhão), 2 (ginásio) e 3 (1/3 do pavilhão);
- Desenvolvimento da matéria de atletismo (salto em altura) no espaço 4 (exterior);
- Desenvolvimento da força média e superior no espaço 4 (exterior) devido ao piso e ao desconforto que este causa;
- Limitação no desenvolvimento da velocidade nos espaços 2 e 3 devido às próprias limitações espaciais;

Quanto à área dos conhecimentos estes devem ser transmitidos aos alunos aquando da lecionação das diferentes habilidades motoras e da abordagem das diferentes matérias, desta forma recorreu-se à utilização de auxiliares de ensino que facilitaram a compreensão da informação e que a nível físico seja presencial para os alunos que eles acompanhem raciocínios e que os liguem a palavras-chave. O auxiliar de ensino em muitos dos casos é o quadro branco que serve e acompanha todas as instruções iniciais dadas à turma, aqui são explicadas as tarefas a realizar, a forma de organização e gestão da turma, os objetivos de cada tarefa e claro os conteúdos abrangidos por estes.

Outra das dificuldades encontradas remete-nos para a afetação dos recursos temporais, nomeadamente o número de aulas previstas em relação ao número de aulas dadas, que corresponderam ao previsto, fazendo com que todo o planeamento em relação à 1ª etapa de Avaliação Inicial fosse cumprido com exceção à recolha de comportamentos e desempenhos dos alunos na matéria de patinagem que devido ao mau tempo que se fez sentir na semana destinada ao efeito e onde o espaço disponibilizado era o espaço 4 (exterior). Desta forma várias adaptações tiveram de

ser feitas, tendo em conta o planeamento desta mesma matéria, o fato de esta não constar na avaliação do 1º período do ano letivo e que viria a ser substituída por um outro Jogo Desportivo Coletivo (2 melhores JDC) e ainda afetando a priorização das matérias.

2.1.1.3 Planeamento De Etapas de Formação

De forma a garantir a verticalização e a coerência dos diversos níveis de planeamento, procurámos para cada etapa de formação (etapa I – Avaliação Inicial, etapa II – Aprendizagem e desenvolvimento, etapa III – Desenvolvimento e aplicação, etapa IV – Revisão e consolidação) realizar um balanço da etapa anterior, onde constam as apreciações das decisões metodológicas e estratégias de intervenção, a relação entre as três áreas de intervenção da disciplina e ainda aquilo que efetivamente foi lecionado. Segundo Rosado (1998) a etapa é caracterizada por ser um período do ano que se diferencia dos restantes pelo seu contributo único para a concretização dos objetivos anuais. Assim, no final de cada etapa era feita uma aferição dos objetivos e daquelas que passariam a ser as novas prioridades visando sempre os objetivos pessoais e carências de cada aluno que se iam alterando com o decorrer do ano letivo.

Tabela 2 – Análise das AFD – 2º etapa de formação (Exemplo)

		Nº Alunos	Nível Diagnosticado	Final 2ª Etapa
Voleibol		9	NI	PI
		8	PI	I
		8	I	PE
		Introdução		Elementar
Objetivos específicos	Em situação de exercício 1+1 em cooperação, o aluno deve:		Em situação de exercício 3x3 em oposição, o aluno deve:	
	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar passe e manchete; - Dar continuidade ao "jogo". - Servir por baixo; 		<ul style="list-style-type: none"> - Realizar passe dirigido e facilitando a finalização; - Finaliza com passe colocado ou remate em apoio; 	

Tabela 3 – Redefinição de prioridades – planeamento da 3ª etapa de formação (Exemplo)

Prioridade		Matéria	PNEF		Diagnóstico	Diagnóstico	Diferenças	Diferenças	Evolução
2ª Etapa	3ª Etapa		Nível	Pontuação	(avaliação inicial)	(avaliação sumativa)	(PNEF/A.I.)	(PNEF/A.S.)	
3	5	Voleibol	PE	1,5	0,5	0,79	1	0,71	0,29
8	6	Atletismo	PE	1,5	0,8	1	0,7	0,5	0,2
1	2	Basquetebol	E	2	0,5	0,93	1,5	1,07	0,43
5	4	Futebol	E	2	1,2	1	0,8	1	-0,2
2	3	Ginástica	E	2	0,7	1	1,3	1	0,3
7	8	Badminton	I	1	0,4	0,78	0,6	0,22	0,38
4	7	Dança	PE	1,5	0,5	0,76	1	0,5	0,26
6	9	Andebol	I	1	1,3	0,98	+0,3	0,02	-0,32
-	1	Patinagem	E	2	-	0,56	-	1,44	-

Contudo procurou-se sempre discriminar os objetivos que teriam sido planeados, aqueles que foram atingidos e ainda aqueles que em função dos anteriores eram projetados para a etapa que tinha início.

Visando agora a formação de grupos, esta foi uma das tarefas que teve grandes alterações ao longo de todas as etapas, numa primeira fase pois os grupos foram formados numa base de uma perceção subjetiva ou que ia ocorrendo ao longo da Avaliação Inicial e mais tarde devido às relações interpessoais no seio da turma e às prestações que os alunos iam tendo nas diferentes matérias.

Em suma o ano letivo começou com uma formação de grupos homogénea que diferenciava os alunos por grupo de nível de aprendizagem (NI- não introdutório; PI- parte de introdutório; I- introdutório; PE- parte de elementar; E- elementar; PA- parte de avançado; A- avançado). Na 2ª etapa de formação, ensino e aprendizagem, os grupos foram reestruturados de forma a respeitarem uma formação heterogénea tendo em vista a entreajuda dos alunos com melhores desempenhos e aqueles que têm mais dificuldades, formando assim grupos para cada uma das matérias a lecionar sendo que a organização a ser respeitada iria de encontro àquela que seria a matéria prioritária ou grupo de matérias que seriam prioritárias naquela aula propriamente dita ou até mesmo naquela Unidade de Ensino.

Mais tarde e já na 3ª etapa de formação, desenvolvimento e aplicação, a formação de grupos continuou a ser organizada segundo aquelas que eram as

matérias prioritárias para toda a turma e onde esta passou a ter formações heterogêneas e homogêneas diferenciadas ainda por espaço de aula. Assim desta forma, procurando dar resposta às barreiras que os espaços nos impunham no desenvolvimento de matérias e tendo em conta os objetivos a atingir, esta diferenciação permitiu-me antecipadamente ter uma organização geral da turma independentemente do espaço onde a aula decorresse e do objetivo concorrente da própria aula, formação heterogênea aquando da introdução de novas habilidades e situações jogadas, formação homogênea aquando da aplicação de situações mais analíticas ou isoladas com menores graus de liberdade.

Por último a 4ª etapa de formação, revisão e consolidação, destaca-se a grande evolução na eficiência de recolha de dados, organização e gestão e ainda num planeamento aperfeiçoado tendo em conta os objetivos da própria etapa. Estando perante uma etapa de revisão e consolidação foi fundamental que ao longo desta o ensino fosse diferenciado e individualizado, para tal a formação de grupos deve ir ao encontro desta premissa.

Assim, a formação de grupos foi o mais homogênea possível, tendo em conta a matéria mais prioritária da aula, apesar das diferenças existentes entre cada um dos alunos. Esta organização da turma permitiu não apenas que os grupos trabalhassem de forma a prosseguirem com objetivos diferenciados, como também de acordo com o seu nível de aprendizagem, fomentando ainda um maior desenvolvimento individual.

Tabela 4 – Formação de grupos – 3ª etapa de formação (Exemplo)

Espaço 4	Grupos Homogêneos			Grupos Heterogêneos		
	A	B	C	A	B	C
	AA	BA		AAA	BBA	CCA
	AB	BB	CA	AAB	BBB	CCB
	AC	BC	CB	AAC	BBC	CCC
	AD	BD	CC	AAD	BBD	CCD
	AE	BE	CD	AAE	BBE	CCE
	AF	BF	CE	AAF	BBF	CCF
	AG	BG	CF	AAG	BBG	CCG
	AH	BH	CG	AAH	BBH	CCH
	AI		CH	AAI	BBI	CCI
	AJ		CI			
	AK		CJ			

2.1.1.4 Planeamento de Unidades de Ensino e Planos de aula

Segundo Rosado (1998) a um nível micro de decisão pré-interativa surgem os planos de unidade de ensino que orientam o professor durante uma aula ou um

conjunto de aulas agrupadas segundo diversos critérios de ordem pedagógica.

Na perspectiva dos Planos de Unidade de Ensino estes serviram em muito a eficiência do planeamento e operacionalização dos objetivos, pois através deste planeamento prévio dos acontecimentos houve uma despreocupação com a realização dos planos de aula. A formação de grupos de trabalho, a calendarização de matérias, a transmissão de conhecimentos, a própria aptidão física e ainda algumas das decisões metodológicas que iam surgindo já se encontravam então planeadas nestes Planos de Unidade de Ensino. Nestes, tal como nos Planos de Etapa, eram realizados balanços que serviam de referência para as Unidades de Ensino precedentes, ajustando assim os objetivos e estratégias de atuação.

Os Planos de Unidade de Ensino foram compostos por quatro aulas, duas aulas de 45min. e duas aulas de 90min., em que estas últimas serviam o início das Unidades de Ensino e onde as principais preocupações visavam a apresentação dos objetivos primordiais da própria Unidade de Ensino, a apresentação dos conteúdos a desenvolver e ainda das tarefas a realizar. Assim desta forma e seguindo a lógica implementada as aulas de 45min. serviam a continuação dos blocos de 90min. em que as aulas beneficiavam de estruturas muito semelhantes, pois muitas das tarefas eram repetidas ou idênticas por forma a promover aprendizagens, evoluções e desafios para os alunos.

Tanto os Planos de Unidade de Ensino como os Planos de aula, foram instrumentos que ao longo do ano letivo foram sofrendo alterações e evoluções na perspectiva de dar uma melhor resposta às necessidades de planeamento a que estava exposto. Desta forma os Planos de Unidade de Ensino englobavam as quatro aulas já acima mencionadas havendo uma planificação com uma estrutura semelhante para as quatro aulas embora de semana para semana os espaços se alterassem. Por sua vez os Planos de aula evoluíram de uma planificação de uma única aula para duas aulas, procurando ainda abordar aspetos mais práticos, estratégias e situações didáticas a utilizar onde existia uma maior pormenorização e descrição daquelas que eram as particularidades de cada aula e fase da aula.

Por forma a afetar e visando as três grandes áreas de formação da Educação Física, para a área das atividades físicas e desportivas houve uma clara tentativa de aproximar e/ou agrupar matérias que nas suas exigências técnicas se dotassem de habilidades motoras muito semelhantes e próximas (exemplo: badminton e voleibol), não só no seu domínio motor mas também em que as próprias características espaciais e materiais justificassem este agrupamento e transfer. No caso da área da aptidão

física procurou-se a introdução de novas formas de trabalho e desenvolvimento das diferentes capacidades físicas e condicionais para que os alunos pudessem experienciar variadas situações e de nível de exigência superior, assim através da aprendizagem de exercícios base pode evoluir para situações de maior exigência e com graus de liberdade superiores em que o estímulo era maior e o movimento era mais difícil.

Por último e referindo a área dos conhecimentos, houve uma preocupação crescente em procurar que os conhecimentos transmitidos fossem efetivos na aprendizagem do aluno e que houvesse uma ligação aos novos conhecimentos a transmitir, desta forma procurou-se aumentar o questionamento aos alunos tendo em vista a verificação da retenção de conhecimentos, promovendo assim com esta estratégia um melhor feedback da turma em geral e uma melhor adequação da transmissão dos próprios conhecimentos através do aumento de recorrência a palavras-chave, ilustração com exemplos do que se pretendia que retivessem e essencialmente da priorização dos conhecimentos a transmitir bem como da preparação para as principais dificuldades que pudessem registar-se.

2.1.2. Condução do Ensino

Esta subárea do estágio curricular visa o desenvolvimento de um conjunto de competências relativos à própria condução do ensino, ou seja, remetendo-me para uma fase interativa do processo de ensino-aprendizagem e as competências inerentes à lecionação propriamente dita. Segundo Onofre (1995:79) “(...)o nível de intervenção na sala de aula é uma área crítica da função do professor e que, aí, essa intervenção tem que se pautar por uma elevada competência técnica e pedagógica.”. Assim pretende-se analisar a minha prestação e percurso ao longo do ano letivo de acordo com o critério de sistematização preconizado por Siedentop (1983), em que os procedimentos da fase interativa do ensino são organizados em: estilos de ensino, estruturas organizativas e procedimentos de gestão de aula, instrução, acompanhamento ativo da aprendizagem dos alunos, disciplina, clima, gestão do conteúdo das tarefas de aprendizagem e processos de observação.

2.1.2.1 Organização, gestão e estilos de ensino

Segundo Rosado e Mesquita (2009:43) “assegurar um bom funcionamento do sistema de gestão é cuidar eficazmente dos problemas de disciplina e da ordem da

aula, garantir a cooperação dos alunos e manter o fluxo de atividades da aula, ao longo do tempo”.

O período de avaliação inicial consistiu numa fase de familiarização e exploração dos espaços de prática e em que as questões de gestão e organização se sobrepuseram às questões didáticas. Dei então primazia às regras e gestão da turma, do material, utilização eficiente dos meios auxiliares de ensino e estabelecimento de rotinas organizativas.

A principal preocupação logo aquando do início do ano letivo, visando a condução de ensino, prendeu-se pelo estabelecimento de regras de gestão e funcionamento da turma e das aulas propriamente ditas. Os locais de reunião, organização e atenção à informação bem como a disposição dos alunos aquando das demonstrações, foram aspetos que desde bem cedo foram logo implementados para que o mais rapidamente fossem assimilados.

A autonomia e automatização destas rotinas foi desta forma um dos objetivos primordiais, ainda assim estas rotinas são sempre adaptáveis, de acordo com o espaço onde a aula decorre e com a matéria a lecionar. Apresento assim as formas de organização adotadas para as aulas ao longo do ano letivo:

Figura 5 - Ondas

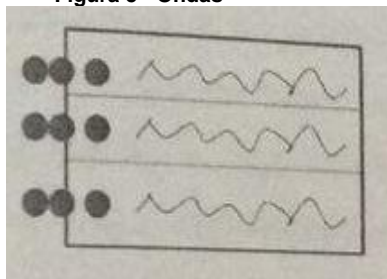


Figura 6 - Estações

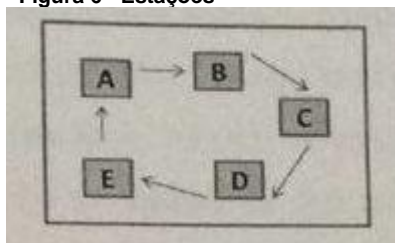
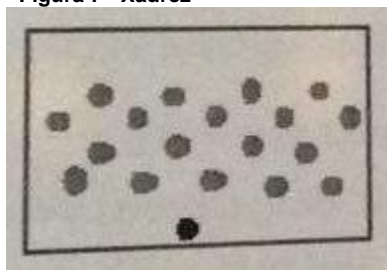


Figura 7 - Xadrez



A organização da turma em vagas foi determinante na abordagem e lecionação de algumas matérias com dinâmicas muito especiais e especificidades muito próprias, foi o caso do desenvolvimento da condição física, do aquecimento com jogos lúdicos, tarefas analíticas nos jogos desportivos coletivos e ainda na matéria de ginástica de aparelhos. Este tipo de organização registou-se muito no início do ano letivo e quando ainda não existia uma diferenciação de objetivos para cada grupo de nível de aprendizagem.

Com a evolução dos alunos e a progressão no ano letivo, também as formas de organização se foram alterando, concorrendo com as matérias e os objetivos a cumprir. As estações constituíram a forma de organização privilegiada para a abordagem de quase todas as matérias à exceção da matéria de dança e patinagem. Esta revelou-se uma mais-valia na diferenciação de ensino, uma vez que as progressões pedagógicas permitiram a adequação do exercício e tarefa de acordo com as necessidades de cada aluno e consequentemente com cada grupo de alunos. Como exemplo representativo desta situação foi a lecionação da matéria de ginástica que em cada estação montada, visava a aprendizagem e desenvolvimento de cada elemento/aparelho/modalidade gímnica.

Por sua vez, a organização em xadrez foi utilizada e recorrente nas partes iniciais e finais da aula, ainda assim destaca-se a utilização deste tipo de organização que se tornou fulcral e essencial na lecionação da matéria de dança, muito associado ainda a um estilo de ensino por comando.

De destacar é a utilização frequente de alunos como agentes de ensino que para além de serem dotados de um domínio técnico mais elevado, não induziam a turma em erro de execução, esta estratégia define-se como muito eficaz por Onofre (2000), que afirma a importância da utilização de alunos na apresentação de modelos de realização da atividade, quando estes dominam as tarefas a realizar, fornecem imagens eficazes a todos os colegas.

A estrutura da aula foi sendo contruída ao longo do ano, permanecendo idêntica ao longo deste mas sofrendo algumas evoluções na sua composição: preleção inicial, aquecimento e preparação para a prática, treino de condição física, organização por estações na fase principal da aula, retorno à calma e preleção ou questionamento final. De notar é mais uma vez a autonomia que se foi conquistando nos alunos aquando do aquecimento e retorno à calma, que inicialmente era orientado por mim fornecendo o comando a toda a turma e atribuindo uma forma base de organização a esta. Com a evolução, a realização destas fases da aula passaram a funcionar de forma conjunta entre mim e o aluno selecionado, em que este demonstrava e comandava a turma.

Quanto à utilização e arrumação do material, esta foi uma logística valorizada e determinada logo com o início do ano letivo e que pré determinou e em muito contribuiu para o bom funcionamento das aulas. Na matéria de patinagem, a logística e o modo de arrumação dos patins, na ginástica, a organização do material pelo espaço. Estes são ótimos exemplos da implementação de comportamentos organizados e organizativos visando um efeito positivo na redução de tempo despendido em transições de tarefas, organização do espaço de aula e gestão da turma.

Outra das estratégias que permitiu uma boa gestão e organização da turma foi a utilização de meios auxiliares de ensino, revelando-se uma ferramenta fulcral para a lecionação das aulas de Educação Física. A recomendação do nosso orientador foi demais evidente que faria efeito, a simples utilização de um quadro branco que permite aos alunos acompanharem os conteúdos da aula, a organização dos exercícios e do espaço, a formação dos grupos de trabalho e ainda os objetivos e critérios de êxito não só para as matérias na área das Atividades Físicas e Desportivas como também para o trabalho implementado e desenvolvido na área da Aptidão Física, tornou a transmissão e a atenção à informação muito mais eficaz.

Segundo os autores Mosston e Ashworth (1990) a utilização de estilos de ensino servem a uniformização da própria metodologia de ensino e destas forma categorizaram estes mesmos estilos de ensino em: convergentes e divergentes. A seleção e utilização dos diferentes estilos de ensino devem estar de acordo com os objetivos propostos, as matérias a lecionar e as suas especificidades e ainda com os momentos da aula propriamente dita.

Numa fase inicial foi o estilo de ensino por comando que mais se registou pois era importante que os alunos se centrassem em mim, na minha ação, afirmando a

minha liderança e familiarizando os alunos comigo e com as minhas interações. Embora a utilização deste tipo de estilo de ensino seja desgastante trouxe consigo neste período inicial relações essenciais, ainda assim houve uma diversificação destes estilos de ensino tendo em vista um impacto positivo nas motivações dos alunos. A evolução foi feita de estilos mais convergentes para estilos divergentes e neste caso mais centrados no aluno, como descoberta guiada na área dos conhecimentos e o estilo de ensino divergente propriamente dito nas matérias de basquetebol, andebol e badminton.

O ensino recíproco foi outro dos estilos de ensino bastante recorrentes na 2ª etapa de formação, pois com a formação de grupos heterogêneos os alunos auxiliavam-se mutuamente, com maior destaque nas matérias de ginástica, voleibol, futebol e patinagem, contribuindo assim para um colmatar de défices mais acentuados em alguns alunos e à total integração dos alunos na turma enquanto grupo (equipa).

2.1.2.2 Instrução

Segundo Onofre (1995), a instrução caracteriza-se pelas intervenções do professor relativamente à forma como são apresentadas as atividades de aprendizagem aos alunos, à forma como o professor os ajuda durante a realização dos exercícios e à forma como realiza o balanço sobre as execuções e prestações observadas. A utilização pertinente da instrução remete-nos para alguns princípios que devem ser respeitados, como a curta duração que esta deve ter, cobrindo só os aspetos essenciais e através de palavras-chave que ajudem a compreensão e assimilação da informação, tornando-se assim clara, concisa e objetiva.

Os momentos de instrução foram principalmente planeados e preparados para as partes inicial e final das aulas, momentos de demonstração e no acompanhamento das tarefas durante as aulas. A preleção inicial era destinada à transmissão dos conteúdos a abordar na aula nas três áreas que compõem a disciplina, a estrutura da aula com referência visual de alguns exercícios, uma vez que o grau de retenção deste tipo de informação, visual é superior à informação verbal, os objetivos propostos para a aula/unidade de ensino.

As principais dificuldades na transmissão de informação e mais concretamente nos momentos de instrução prenderam-se principalmente com o vocabulário utilizado. Com a análise das aulas e das minhas prestações enquanto professor os períodos de instrução foram evoluindo, procurando estratégias que me favorecessem. Com um

melhor e maior conhecimento da turma e dos alunos conseguiu-se fornecer melhores exemplos e ilustrações nos períodos de instrução, as informações fornecidas passaram a ser mais repartidas, sempre de acordo com as características do aluno e o tempo útil de aula.

2.1.2.3 Acompanhamento

De acordo com Onofre (1995), o feedback pedagógico caracteriza-se pela informação que o professor comunica ou suscita acerca da forma como o aluno realizou ou deveria ter realizado um determinado desempenho na atividade. Para que uma determinada aprendizagem seja efetiva torna-se essencial que para além de que os alunos tenham e devam repetir o movimento/gesto técnico, tenham de ser corrigidos e acompanhados de informação acerca das suas prestações. Denominamos assim, o feedback. Em que o seu ciclo deve ser sempre cumprido, ou seja, o aluno deve ter informação da prestação que cumpriu, devendo ser reencaminhado e ser novamente observado para verificação da informação que foi transmitida.

Houve uma preocupação da minha parte, sendo um professor inexperiente, em conseguir um acompanhamento cuidado, personalizado e frequente de toda a turma, de cada grupo de nível e ainda de cada aluno em particular. Para que esta situação se verificasse diferentes medidas tiveram de ser equacionadas, como primeira estratégia, a conferência curricular com o núcleo de estágio e grupo de educação física era demais importante na medida em que nos eram discriminadas as nossas maiores dificuldades e entraves para uma melhor lecionação e neste caso, um acompanhamento otimizado. Outra das estratégias passou pelo planeamento dos conteúdos a transmitir aquando do feedback e períodos de instrução, desta forma o acompanhamento ganha qualidade e os resultados aumentam consideravelmente. Contudo, a principal característica aqui desenvolvida, foi a capacidade de observação, recolhendo e identificando informação dos comportamentos centrada de acordo com o objetivo.

Pode-se afirmar, que o feedback é uma informação útil com o intuito de ajudar o aluno a corrigir as suas execuções produzindo assim uma evolução das suas aprendizagens. A importância de fornecer um feedback ao aluno no tempo certo é fulcral para que este tenha o efeito desejado. Com o acompanhamento das aulas do meu colega estagiário e do meu orientador de escola, pude comprovar e observar isso mesmo.

No caso específico do acompanhamento da área da condição física, este revelou-se bastante eficaz devido à minha experiência profissional na prescrição de treino e como ex-atleta de alto rendimento. A pesquisa e procura de novos exercícios e a inovação na utilização de material auxiliar de ensino foi uma constante e essencial, para que se pudesse aumentar a exigência das tarefas e a motivação dos alunos. Destaca-se a utilização das bolas suíças, bolas de basquetebol no trabalho e desenvolvimento da força média e superior, dos bancos suecos e das cordas no desenvolvimento da força dos membros inferiores, pinos e coletes que forneciam uma melhor perceção visual do espaço e consequente organização da turma e da tarefa.

Uma outra situação em que senti bastante dificuldade no sentido de fazer um bom e ativo acompanhamento das aprendizagens, retrata-se pelo período de avaliação inicial. Este período que nos remete para a conjugação de momentos de observação-chave não permitia um acompanhamento individualizado e mais pormenorizado das prestações que os alunos evidenciavam, pois focando o registo de comportamentos, o feedback perdia frequência e qualidade. Não só a inexperiência contribuiu para este fato se verificar como também a adaptação às grelhas de registo, construídas pelo GEF e adaptadas pelo núcleo de estágio.

As intervenções passaram a ser mais fluidas e intuitivas a partir do momento em que comecei a preparar e a planear melhor aspetos e estratégias fulcrais neste sentido, o posicionamento face ao espaço, à tarefa e à organização do grupo ou turma, estudo autónomo dos critérios de êxito, familiarização com instrumentos de observação e avaliação, criação de rotinas organizativas e de gestão de grupo e turma. Desta forma o feedback ganhou muita qualidade, pois passou a ser mais individualizado, contextualizado, concomitante, preciso e a ocorrência de feedbacks à distância passou a ser frequente.

2.1.2.4 Disciplina

Mais uma vez importa fazer um enquadramento e desta vez visando a disciplina em contexto escolar e educativo, Onofre (1995), diz-nos que a disciplina corresponde às formas de promover e ajudar os alunos na descoberta do prazer e as vantagens de estarem nas sessões de trabalho, de forma participativa e empenhada, respeitando o espaço do outro, não deixando no entanto de dar expressão à sua própria maneira de estar.

A problemática da indisciplina é uma das questões na qual estive muito centrado, devido ao fato de acompanhar uma turma considerada problemática. A minha gestão da indisciplina teve como base dois principais momentos: prevenção e controlo de comportamentos desviantes.

Os primeiros contatos com esta realidade foram feitos logo com o iniciar do ano letivo e das aulas da disciplina de educação física através das regras impostas pelo regulamento interno da escola e das normas do funcionamento do pavilhão. A transmissão destas regras foram logo desde cedo implementando comportamentos adequados à disciplina e ao espaço em que esta decorre.

Na reunião de professores que constituem o Conselho de Turma, esta foi logo descrita como uma turma indisciplinada e com antecedentes. Daí que a minha postura na primeira aula tenha sido uma postura preventiva, séria e rigorosa para eliminar e/ou reduzir a ocorrência de comportamentos de indisciplina. A estratégia passou também por me inteirar e tomar conhecimento acerca do aluno, do seu ambiente familiar e académico, ajudando-me assim a perceber o comportamento de determinados alunos e desta forma contrariar os quadros de indisciplina que se previam.

Aquando da ocorrência de comportamentos de risco e indisciplina, o diálogo foi sempre a primeira opção visando a consciencialização do alunos para com as suas atitudes e atos, desta forma procurou-se que o aluno se sentisse apoiado, envolvido e que alguém se preocupava com ele dando-lhe atenção. As consequências dos atos e comportamentos foram sempre esclarecidas para que este entendesse que tais comportamentos não pudessem acontecer, facilitando a relação aluno-aluno e aluno-professor. Destacando alguns exemplos representativos, a pontualidade dos alunos na chegada à aula, a manipulação e arrumação de material sempre cuidada e ordenada e ainda a utilização de material (vestuário) essencial e destinado à boa prática da disciplina.

2.1.2.5 Clima

Quando falamos em clima a nível escolar e educativo, obrigatoriamente, este tema remete-nos para o bem-estar numa sala de trabalho e em que esta não depende única e exclusivamente da relação aluno-professor. Segundo Onofre (1995) são também condicionantes do bem-estar do aluno as relações entre alunos do grupo e a relação de cada um deles com as atividades de aprendizagem, estando todos estes níveis dependentes do trabalho pedagógico do professor.

A relação entre professor e aluno foi aquela onde se registaram as maiores conquistas e melhores níveis anímicos ao longo do meu estágio curricular. Logo desde bem cedo e com o início do ano letivo foi de todo o meu interesse em proporcionar um bom clima na aula, conduzir este a um interesse genuíno pelas conquistas pessoais na aquisição de competências nas diferentes matérias mas também nas diversas disciplinas, em atividades extracurriculares e ainda no seu quotidiano. Uma das principais razões para que esta relação aluno-professor tenha sido muito bem conseguida foi o fato de tratar sempre os alunos pelo nome, garantindo que estes sabiam que o professor se interessava e os identificava.

Quanto à relação dos alunos com as demais matérias lecionadas, importa referir que logo desde cedo se notou que alguns alunos não gostavam de algumas matérias e que isso fazia com que o seu nível de empenho e disciplina fosse reduzido. Ainda assim e com o passar do tempo, estes sentimentos negativos foram assimilados por mim que em conversa com os alunos tentei destacar a importância das propostas de aprendizagem que lhes apresentava, procurando exercício e tarefas mais fáceis ou divertidas para que estes se sentissem com sucesso e alegres nos seus desempenhos.

A implementação do estudo sociométrico foi outra das estratégias que em muito nos fez entender quais os alunos mais aceites e menos aceites pela maioria dos alunos da turma, as matérias com que eles sentiam mais prazer e motivação aquando da prática e quais os grupos mais adequados para trabalharem em conjunto durante as aulas. Desta forma e com o levantamento desta informação reuni todos os elementos necessários para que o maior sucesso se desenvolvesse na busca de um clima ótimo, agradável, de alegria e respeito.

Importa ainda referir, que foi logo desde o início do ano letivo que esta vertente e a procura de um clima perfeito teve lugar. A introdução de jogos lúdicos visando uma aproximação dos alunos foi uma medida inicialmente muito importante para que todos se sentissem integrados e estimulados nas aulas.

2.1.2.6 Gestão do conteúdo das tarefas de aprendizagem

Este tema foi talvez um dos conteúdos mais abordados ao longo do ano nas conferências curriculares que iam tendo lugar e como o estágio curricular representa um processo de formação fulcral na formação dos professores, foi demais importante

que estas discussões acontecessem para colmatar algumas lacunas que iam surgindo.

O desafio começou tendo sempre presente as tarefas de aprendizagem que se propunham e o sucesso que os alunos teriam ao desenhá-las. Importa então referir, que tarefas de aprendizagem muito difíceis se tornam desajustadas, pois o insucesso repetido e sistemático gera frustração, o que impede os alunos de estabelecerem uma boa relação tanto com as matérias como por sua vez com a disciplina. Ainda assim tarefas demasiado simplistas, não desafiavam o aluno e tornam-se insuficientes na estimulação deste para aprender. Neste sentido o professor enquanto agente de ensino, deve ser capaz de construir e propor aos alunos tarefas suficientemente desafiantes e ajustadas às suas capacidades, para que estes possam sentir-se motivados nas suas práticas e consequentemente nas suas aprendizagens.

Um dos principais problemas detetados era o desajuste dos objetivos para determinados alunos ou grupo de alunos. O fato de sobrevalorizar as prestações destes fazia com que as minhas propostas fossem demasiado exigentes, o contato mais frequente com os dados recolhidos das prestações dos alunos produziram um efeito positivo na medida em que o reconhecimento das suas capacidades e ritmos de aprendizagem iam sendo assimilados para cada um dos alunos e para cada um dos grupos de trabalho. Como representação desta evolução são os exercícios e as propostas apresentadas nas aulas que iam deixando de ser analíticas para passarem para formas jogadas, integradas e aproximadas às realidades e especificidades de cada matéria.

2.1.3. Avaliação

Segundo Domingos (1987), a avaliação é definida como um processo sistemático que determina a extensão em que os objetivos educacionais foram alcançados pelos alunos. O que se avalia são as metas de aprendizagem definidas à partida e para as quais se foi trabalhando ao longo de todo o processo de aprendizagem conduzido pelo professor e pelo aluno.

Independentemente do objetivo da avaliação, cabe ao professor a recolha de informações com a máxima objetividade e rigor pedagógico que fundamentem as suas decisões pedagógicas (Carvalho, 1994).

A avaliação em Educação Física contempla três dimensões distintas: a avaliação inicial, avaliação formativa e avaliação sumativa.

2.1.3.1 Avaliação Inicial

A avaliação inicial correspondeu à 1ª etapa de planeamento, realizado com base no Plano Curricular de Educação Física, no qual está inserido o Protocolo de Avaliação Inicial. A duração desta etapa foi estabelecida pelo GEF, quatro semanas, com rotação espacial semanal, permitindo a todos os professores lecionarem em todos os espaços. Esta etapa caracteriza-se pela avaliação diagnóstica e prognóstica, permitindo a identificação do nível inicial da turma e de cada aluno em particular quanto ao nível em que se situam de acordo com o Programa Nacional de Educação Física, definindo assim os objetivos terminais e intermédios para os alunos. Esta avaliação serviu ainda para orientar a formação de grupos de nível, estabelecer objetivos para cada etapa, identificar matérias prioritárias e aspetos críticos de cada matéria.

Segundo Rosado (1998), é neste sentido que surge o Protocolo de Avaliação Inicial da escola, onde se encontram definidos um conjunto de procedimentos que são uniformizados para se proceder à avaliação. A existência deste documento facilitou o meu trabalho no planeamento do período de avaliação inicial, no qual estão definidos para cada matéria e cada ano de escolaridade, as situações de aprendizagem e os critérios/indicadores de avaliação, presentes nas fichas de registo e que realçam ou pragmatizam aspetos críticos que caracterizam cada um dos níveis de desempenho ou aprendizagem: introdução, elementar e avançado.

Caraterizando este período, destaco a necessidade de ajustar as situações de aprendizagem contempladas no protocolo de avaliação inicial, visando a organização da aula e as características da turma. Deparando-me com uma turma do 7º ano de escolaridade e com alunos cujo o conhecimento quer teórico quer prático é bastante pobre e reduzido, optei por situações mais analíticas e direcionadas para a aprendizagem de gestos técnicos base. Apesar de ter despendido mais tempo, acabei por facilitar a minha intervenção quer nos feedback fornecido junto dos alunos quer na evolução destes para situações jogadas e mais complexas. Esta estratégia contribuiu ainda para uma mais fácil observação e assemelhação na recolha de dados.

A avaliação inicial foi então realizada atingindo o seu objetivo primordial, diagnosticar o nível dos alunos em todas as matérias, e que com a recolha de desempenhos através das fichas de registo garanti a obtenção de juízos para prognosticar, definindo as matérias prioritárias e a diferenciação dos objetivos. A minha maior dificuldade foi como já referido anteriormente, a adaptação entre as ficha de registo e a observação, o que observar e como observar, dificuldade esta que se foi

dissipando de aula para aula e através da observação e acompanhamento das aulas do meu colega estagiário e do meu orientador.

Uma vez que os objetivos da avaliação inicial não se restringem apenas à recolha de dados na área das atividades físicas e desportivas, foram também realizados os testes referentes à área da aptidão física. Para além da recolha de dados nestas duas áreas foi ainda realizado um teste teórico de diagnóstico que serviu os interesses da área dos conhecimentos.

2.1.3.2 Avaliação Formativa

Segundo Araújo (2007) a avaliação do tipo formativa deverá assumir-se como parte integrante do processo de desenvolvimento curricular, por forma a regular o ensino, o planeamento deste e visando a melhoria e progressão da aprendizagem.

Desta forma importa referir que a avaliação formativa nem sempre foi um processo presente e útil na formação dos alunos ao longo do ano letivo, não tendo sido estabelecidos métodos e estratégias definidas desde bem cedo que a garantissem, podendo este fato ser explicado mais uma vez pela inexperiência dos estagiários e por esta avaliação não se assumir como uma preocupação inicial no processo de ensino-aprendizagem. Somente com o início da segunda etapa de formação é que já apareceram estratégias definidas que servissem os interesses da avaliação formativa dos alunos.

Segundo Rosado e Mesquita (2009:187) “A criação de um ambiente adequado de aprendizagem envolve a capacidade de ajustar o nível de prática dos praticantes, de tal modo que as tarefas não sejam muito difíceis (o que promove desde modificação às tarefas propostas, por parte dos praticantes, até ao seu completo abandono) ou muito fáceis (promovendo quer o seu desinteresse e a socialização, quer alterações às tarefas no sentido de as tornar mais desafiantes)”.

Numa primeira abordagem surgiu a necessidade de se criar uma ficha de registo em que constasse as presenças, os atrasos e as faltas de material, a fim de recolher dados que de forma viável que diminuíssem os atrasos dos alunos na chegada à aula e que houvesse um sentimento de compromisso para com o professor e com as suas próprias aulas. Esta ficha teve um impacto imediato aquando da sua implementação pois os alunos passaram a dar maior importância ao cumprimento das

regras definidas no início do ano letivo, ainda assim poderia ter sido partilhada e consultada pelos alunos para que estes tivessem um melhor e maior feedback do seu comportamento nas aulas.

Numa segunda fase e desde logo bem cedo, as aulas iniciavam-se com uma reunião da turma em frente ao quadro branco (auxiliar de ensino) que servia a transmissão de conhecimentos aos alunos e o questionamento que lhes era feito para focarem a sua atenção e verificar a retenção da informação transmitida. Para além destas estratégias é de notar ainda a transmissão dos objetivos a atingir, bem como as componentes críticas que necessitavam de atingir para o sucesso. Desta forma os alunos estavam sempre conscientes do que lhes era exigido, do que tinham de fazer e o que teriam de melhorar para atingir determinada classificação, para cada matéria. Este princípio foi logo transmitido na primeira aula do ano letivo, mas foi principalmente um aspeto que foi desenvolvido e trabalhado ao longo das aulas e consequentemente das prestações que os alunos iam desempenhando.

Tendo em conta a Avaliação Formativa, outra das estratégias adotadas foi a auto e hetero avaliação para que os alunos se sentissem integrados no próprio processo de ensino-aprendizagem e de alguma forma pudessem ser esclarecidos e consciencializados do que conseguiam fazer e cumprir e do que não conseguiam ou teriam de melhorar e como o fazer. Os alunos procederam então ao preenchimento de uma ficha em que teriam auto avaliar-se nas diferentes áreas de formação da disciplina e ainda classificarem-se com uma nota final, aquando deste preenchimento era feita uma pequena discussão com toda a turma em que os alunos se manifestavam e o professor apresentava justificações válidas face aos registos retidos e àquela que era a realidade vivida em contexto de aula. Esta foi uma tarefa desenvolvida em todos os períodos do ano letivo e que se mostrou bastante vantajosa, pois os alunos sentiam que o professor atribuía valor à sua palavra e às suas ideias, sendo que o diálogo ajudou muitos alunos a terem uma melhor perceção de si mesmos e das suas prestações.

Ainda assim um dos fatores que poderia ter melhorado o processo de avaliação formativa seria o fornecimento aos alunos das suas avaliações intercalares, de forma a facilitar o processo de ensino-aprendizagem e defendendo os interesses deste mesmo tipo de avaliação que deve acompanhar o processo de ensino e aprendizagem. Outra das estratégias que poderia ter servido estes mesmos interesses seria a criação de uma plataforma on-line onde o professor pudesse fornecer documentos teóricos e de apoio às aulas para que os alunos se interessassem mais pelos temas debatidos e se

dotassem de informações válidas e pertinentes, podendo ainda contribuir para um aumento das classificações nos testes teóricos aplicados uma vez que guiava o estudo autónomo dos alunos.

2.1.3.3 Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa foi desde sempre uma meta bem definida enquanto estratégia e medida tanto no tempo como no espaço, pois as ferramentas e a informação para o efeito estavam definidas pelo grupo disciplinar e de acordo com as referências do Programa Nacional de Educação Física.

A contribuir para esta avaliação que marcava o final de cada período do ano letivo destacam-se algumas estratégias que no sentido de recolha de informação e registo de comportamentos foram fulcrais. Daqui destacam-se as avaliações intercalares e a definição de objetivos intermédios que serviam para regular os ritmos de aprendizagem da turma mas também para nos guiar nas classificações que daí advinham.

O fato de a Escola Secundária Fernando Namora ter apresentado uma dinâmica que previa mecanismos de avaliação formativa que permitiam ao Diretor de Turma ter informações detalhadas e de qualidade, com base nos critérios de avaliação de cada disciplina, acerca do desempenho dos alunos, fez com que o núcleo da disciplina aproveitasse para realizar um simulacro ao que viria a ser a avaliação sumativa. Um dos instrumentos que em muito contribuiu para o registo de informação e obtenção de uma avaliação quantitativa foi o programa Excel, que através de uma folha construída com as diferentes matérias e percentagens de avaliação para cada uma das áreas de avaliação da disciplina formavam uma classificação final.

Deste modo, o processo de avaliação sumativa seguiu os critérios já estipulados pelo GEF para as quatro áreas: atividades físicas e desportivas, aptidão física, conhecimentos e atitudes. A avaliação das AFD como já mencionado, visa essencialmente o registo de comportamentos com a atribuição de um nível de desempenho para cada matéria, destacando aqui umas das particularidades da escola que leva em conta as “partes de nível” e às quais atribui pontuações:

Tabela 5 – Correspondência entre o nível de desempenho e a pontuação

Nível	Pontuação Atribuída
Não Introdutório	0
Parte Introdutório	0,5
Introdutório Completo	1
Parte Elementar	1,5
Elementar Completo	2
Parte Avançado	2,5
Avançado Completo	3

Na aptidão física, é aplicado o Protocolo de Avaliação da Condição Física, onde estão previstos os seguintes testes do programa Fitnessgram: força média (abdominais), força superior (extensões de braços), resistência (vai-vém), flexibilidade (senta e alcança), velocidade (40 metros) e coordenação (salto à corda).

Quanto à área dos conhecimentos esta segue da própria organização do GEF e das suas decisões em que a avaliação desta área é conseguida através da consecução de dois testes teóricos nos dois primeiros períodos e um trabalho teórico no último e terceiro período do ano letivo, em que este se fazia acompanhar de uma ficha informativa fornecida aos alunos, acerca dos pré-requisitos e objetivos na consecução desse mesmo trabalho. Assim sendo a avaliação final contempla:

Tabela 6 – Critérios de avaliação da disciplina

ATIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS	Matérias <ul style="list-style-type: none"> - Aplicação das Regras de Segurança; - Progressão na Aprendizagem; - Gestos técnicos e sua aplicação; - Tática de jogo. 	45%
	Atitudes e Comportamentos <ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade e pontualidade; - Participação e cooperação; - Respeito pelas regras; 	20%
APTIDÃO FÍSICA <p>(O aluno encontra-se na Zona Saudável da Atividade Física (ZSAF) de acordo com a bateria de testes do <i>FITNESSGRAM</i>)</p>		20%
CONHECIMENTOS <ul style="list-style-type: none"> - Regras e fatores técnico-táticos; - Identificação das diferentes capacidades motoras e dos processos do seu desenvolvimento. 		15%

Como se pode observar na tabela acima, o GEF dedica 20% da classificação final dos alunos às atitudes. Esta área contemplada na avaliação sumativa foi subdividida em Assiduidade e Pontualidade (presenças, atrasos e material) e em Participação, Cooperação e Respeito pelas regras (empenho e ajuda), assim a percentagem foi dividida em 10% para cada uma das sub-áreas definidas pelo núcleo de estágio.

2.2. ÁREA 2: INOVAÇÃO E INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA

A área 2 pertencente às áreas de desenvolvimento durante a formação no processo de estágio curricular, diz respeito, ao desenvolvimento de competências relacionadas com a elaboração de um projeto de investigação integrado no contexto escolar. Esta é uma competência fundamental no desenvolvimento profissional de qualquer docente, é por isso necessário procurar legitimar e reconhecer o contributo

dos saberes e da investigação em prol da produção de conhecimento pelos professores, criando ainda espaços e tempos colaborativos e reflexivos na procura de desenvolver uma melhoria na educação e do profissional docente.

O primeiro passo dado nesta área de desenvolvimento foi o enquadramento contextual com a realidade da escola e procura de uma problemática que fosse pertinente estudar e dar resposta procurando uma melhoria ou uma evolução. Desta forma e com a análise documental deparámo-nos com um problema face às aprendizagens dos alunos, nomeadamente a motivação destes face a essas mesmas aprendizagens, tal como descrito no Projeto Educativo de Escola 2015-2018.

O nosso objetivo passou então por perceber quais seriam as principais influências nas motivações dos alunos para a prática das aulas de Educação Física, procurando assim informações e conclusões pertinentes e replicáveis para o planeamento e condução de ensino de todo o grupo de professores de Educação Física da Escola Secundária Fernando Namora.

Definido o tema a desenvolver, procedemos a uma revisão de bibliografia que nos foi ajustando, guiando e orientando tendo em conta o que já haveria ter sido estudado e como teria sido feito, bem como as conclusões já existentes acerca da problemática em estudo. Atendendo à complexidade da perceção de quais seriam as motivações/desmotivações dos alunos recorreremos a diversos estudos implementados na área e de acordo com o tema de modo a conseguir um instrumento de avaliação e recolha válido e fiável. Após esta discussão, adotamos o questionário de Kobal (1996) constituído na sua totalidade por 3 dimensões de questões (i.e. participação, o gosto e não gosto pelas aulas de Educação Física), que abrangem a motivação intrínseca e extrínseca através da classificação de uma escala de *likert* de 5 parâmetros (Discordo muito, discordo, estou em dúvida, concordo e concordo muito). Os dados foram tratados através da metodologia quantitativa pelo que recorreremos à estatística descritiva inferencial com recurso ao programa *Statistical Program for the Social Sciences* (SPSS).

A principal dificuldade na consecução desta investigação foi a interpretação dos resultados obtidos, concretamente na escolha e aplicação dos testes estatísticos que seriam mais pertinentes e vantajosos para as conclusões que daí advinham. Pelo fato de termos realizado uma comparação com base em estudos já aplicados e equiparados com o nosso e pela nossa inexperiência em estudos deste âmbito, foi importante, as reuniões com os nossos orientadores para que nos fossem guiando no desenrolar deste mesmo estudo.

Como preconiza o Guião de estágio, todo o processo de investigação, foi apresentado à comunidade escolar, em que a divulgação da sessão foi efetuada através das redes sociais, cartazes afixados na escola e via correio eletrónico para todos os núcleos de estágio da Faculdade de Motricidade Humana. Ainda assim a participação foi diminuta devido ao fato de esta divulgação ter sido tardia, ou seja, muito próxima do dia da sua realização, sendo este aspeto um dos pontos críticos a ter em conta em futuros eventos semelhantes.

Quanto à condução, desta sessão propriamente dita, foi algo otimizada, pois de acordo com as conferências já decorridas, recorremos aos testes estatísticos que mais favoreciam as nossas conclusões e que nos permitiam chegar a conclusões mais pragmáticas face ao tema abordado. A apresentação foi bem conseguida não só devido à consecução do estudo mas também devido à preparação a que recorremos, prevendo questões possivelmente colocadas e que fossem orientadoras da nossa apresentação.

A realização deste estudo permitiu-nos aprofundar conhecimentos face às motivações dos alunos quanto às suas aprendizagens e assim identificar alguns fatos que se tornam essenciais para que os docentes sejam mais eficazes aquando da lecionação, nomeadamente, quanto à comparação de géneros, ciclos e anos de escolaridade, visando a comparação de motivações intrínsecas e extrínsecas face à participação dos alunos e gosto despoletado nestes quanto às suas aprendizagens.

Destacam-se como principais motivações extrínsecas quanto à participação nas aulas de Educação Física, o currículo e o rendimento e como principais motivações intrínsecas a saúde e bem-estar, o prazer e o conhecimento. Quanto ao gosto pela disciplina destacam-se como principais motivações extrínsecas o respeito e consideração, reconhecimento e desempenho e por sua vez as principais motivações intrínsecas a aprendizagem, os benefícios e a prática.

Assim conseguem-se retirar relações pertinentes sobre aquele que é e deverá ser o planeamento e condução de ensino nos diferentes anos de escolaridade seguindo as premissas daquelas que são as principais motivações dos alunos. Sabendo que as motivações extrínsecas, tendo em conta a participação dos alunos nas aulas de Educação física variam entre as classificações e o estar com os amigos entre 12º ano de escolaridade e o 7º ano, respetivamente. Por sua vez as motivações intrínsecas que variam entre o prazer pela prática e as aprendizagens independentemente do ano de escolaridade. Quanto ao gosto pela disciplina e

retratando as motivações intrínsecas estas remetem-nos para a dedicação e empenho independentemente do ano de escolaridade.

Neste sentido, o estudo de turma, torna-se algo deveras importante na perceção das motivações dos alunos e assim conseguir através do um planeamento adequado corresponder às expetativas destes. Visando melhores índices anímicos, proporcionando momentos de prazer e que estes se reflitam nas suas aprendizagens e execuções.

ÁREA 3: PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Esta é a área que visa o desenvolvimento de competências em duas áreas de intervenção distintas. A primeira remete-nos para a conceção e dinamização de atividades de Desporto Escolar, neste caso, o acompanhamento do núcleo de Basquetebol. A segunda remete-nos para a conceção, implementação e avaliação de uma atividade de dinamização da escola, como foi exemplo a nossa ação de formação de iniciação aos desportos de deslize aquático (surf e bodyboard).

Para além das participações já mencionadas, a minha intervenção teve também lugar aquando da realização do Corta-mato e das Olimpíadas do Agrupamento de Escolas Fernando Namora.

Considero que a minha participação promoveu o desenvolver de competências organizativas, interventivas e que permitiram a minha evolução ao longo deste processo de formação equivalente à minha futura prática profissional.

2.2.1. Desporto Escolar

O Desporto Escolar é um instrumento fundamental na inclusão social, no combate ao insucesso e abandono escolar, na promoção do desporto e na promoção da saúde. Assim, é de total pertinência a participação ativa do professor estagiário num núcleo durante o estágio.

A Escola Secundária Fernando Namora está inserida na Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, sendo a organização das atividades de Desporto Escolar realizadas pela Coordenação Local do Desporto Escolar, através das Equipas de Apoio às Escolas da Amadora.

Durante o ano letivo em que decorreu o estágio, a instituição possuía quatro núcleos de Desporto Escolar, nomeadamente: Voleibol (Feminino), Basquetebol (Masculino), Badminton (Misto), Ginástica Acrobática e Atividades Rítmicas e Expressivas. A escolha do núcleo a acompanhar durante o estágio baseou-se em dois fatores. O primeiro fator que influenciou a escolha foi a sugestão do Professor orientador de escola para dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos anos anteriores, com o objetivo de procurar melhorar os resultados já obtidos e levar o grupo de desporto escolar ainda mais longe quer na sua formação quer em termos competitivos. Por outro lado, o segundo aspeto que influenciou a minha escolha foi a compatibilidade com os horários dos treinos dos núcleos, tanto da escola como da Faculdade. Desta forma, o núcleo escolhido foi o núcleo de Basquetebol.

Nenhum dos estagiários tinha experiência no treino de basquetebol, sendo assim, um grande desafio para ambos e a perspetiva de que a nossa evolução nos conhecimentos teóricos e práticos serão bastante notórios e conscientes que reflitam e acompanhem o nível geral do grupo de treino. Assim, e em concordância com a competência descrita no Guia de Estágio 2015/2016 relativa ao acompanhamento de um professor responsável por um núcleo de Desporto Escolar, foi tomada a opção de coadjuvar o Professor orientador de escola no núcleo de Basquetebol.

Durante todo o ano letivo foram processadas informações relacionadas com a organização da atividade do Desporto Escolar, nomeadamente, as inscrições, os transportes, as autorizações para os Encarregados de Educação, entre outras informações burocráticas.

A minha participação iniciou-se com o processo de divulgação e captação de alunos para a prática desta atividade. Para isto, participei ativamente na sensibilização dos Professores de Educação Física e na divulgação da atividade do núcleo nas turmas que acompanhei durante o estágio. Destaco a cooperação existente entre todos os Professores responsáveis pelos núcleos de Desporto Escolar e pelo núcleo de Educação Física, uma vez que durante a divulgação era realizada a divulgação de todos os núcleos, interligando o discurso com os benefícios da participação nestas atividades.

Considero que estas estratégias de divulgação tiveram um balanço positivo, no sentido em que grande parte dos alunos que participavam no núcleo eram alunos das turmas que lectionei. Foi possível verificar um aumento significativo no número de inscritos no núcleo, no entanto, devido ao horário dos treinos, não foi possível realizar

um treino com todos os alunos inscritos. Assim, o horário dos treinos foi alterado para que fossem criadas condições adequadas para a participação de todos os alunos inscritos.

Uma das formas privilegiadas de divulgação do Desporto Escolar foi através do contacto com antigos jogadores/alunos que participaram no Desporto Escolar em anos anteriores. A base de dados existente dos Núcleos de Estágio que já teriam passado pela escola, permitiu-me aceder ao contacto telefónico dos Encarregados de Educação, onde foram salientados os benefícios do desporto, bem como a oportunidade que a escola oferecia para a prática de desporto regular, gratuito e com qualidade assegurada. Desta forma houve a possibilidade de informar diretamente os Encarregados de Educação e os alunos sobre as condições que a escola oferecia para a prática de desporto, enquanto dava a conhecer o espaço físico da instituição, nomeadamente o pavilhão onde os treinos de desporto das diferentes áreas se iriam realizar.

A realização do “Projeto de Acompanhamento do Desporto Escolar” funcionou como documento orientador, no qual foram estabelecidos os objetivos legislativos do Desporto Escolar e os objetivos específicos, bem como as estratégias de formação individual e o estabelecimento do planeamento anual da atividade. O planeamento anual foi realizado em conjunto com o Professor responsável, uma vez que o núcleo é composto por alunos de diferentes escalões etários e com níveis de desempenho distintos. Assim, o planeamento foi realizado com base na avaliação inicial efetuada.

Este núcleo tem como público-alvo alunos do sexo masculino, do escalão Júnior, do Agrupamento de Escolas Fernando Namora (AEFN). Tratando-se de um grupo, com o qual o professor orientador de escola já teve contacto, os principais objetivos prendem-se com a superação dos resultados atingidos no ano anterior em que se pretende promover o gosto pela modalidade, aumentando os hábitos desportivos e o gosto pela prática de atividade física desportiva no grupo, para isso, visamos a melhoria das capacidades específicas de jogo de cada aluno, melhoraria do espírito de equipa, formação de um grupo coeso e o compromisso com os professores quanto aos horários de treino e jogos que estão calendarizados.

A coadjuvação na condução do ensino constitui um aspeto fundamental para a minha evolução profissional, uma vez que como principais missões enquanto professor estagiário em formação, procurei desenvolver competências no âmbito da cooperação, organização e acompanhamento de uma equipa de desporto escolar.

Relativamente à minha participação nos torneios na fase local, tendo sido um dos torneios realizado na Escola Secundária Fernando Namora, tive a oportunidade de executar algumas tarefas durante a organização do evento, nomeadamente:

- Elaboração do quadro competitivo;
- Montagem e arrumação dos campos e materiais de jogo;
- Gestão do grupo de professores responsáveis por cada núcleo;
- Atualização do quadro competitivo do dia do torneio;
- Produção dos resultados;

Nos torneios realizados fora da instituição onde decorreu o estágio também foi visível a minha participação e acompanhamento nos jogos, tendo ficado responsável pela observação das arbitragens a cargo dos alunos, bem como o diálogo com os alunos sobre a sua prestação ao longo dos jogos.

Dado o exposto é possível afirmar que adquiri diversos conhecimentos teóricos e práticos sobre esta modalidade, fazendo um balanço positivo a todo o processo e em especial ao professor responsável que me incentivou e ajudou e todo o processo de evolução, permitindo a minha integração em todas as atividades.

Por outro lado, e com vista na melhoria do núcleo, considero que seria benéfico realizar ações de melhoria no âmbito da divulgação, contando com o apoio de todos os professores. Relativamente ao processo de planeamento, este também pode sofrer alterações, de modo a ser melhorado, nomeadamente, a nível macro (anual), meso (etapa) e micro (treino). Isto é, a experiência de lecionação e uma intervenção de qualidade não devem substituir a definição de fases de partida, ou seja, avaliação inicial, objetivos intermédios e finais na regulação, bem como orientação e processo de treino.

Quanto ao meu desenvolvimento pessoal considero que este aumentou consideravelmente, tanto no acompanhamento deste núcleo de Desporto Escolar, de salientar a capacidade de observação, diagnóstico e intervenção, como na condução do ensino nas aulas de Educação Física.

Por fim, considero que adquiri diversos conhecimentos ao nível da burocracia da instituição nesta área e da condução de um núcleo de Desporto Escolar. Assim, é essencial ter em conta que o período inicial do ano letivo é crucial para todo o processo, devendo ser adaptado a cada contexto de forma a garantir uma participação

regular de alunos, permitindo, desta forma, a realização de um processo de planeamento adequado.

2.2.2. Ação de Formação na Escola

Durante o estágio foi proposto a conceção, implementação e avaliação de uma ação de Formação na escola, adaptando-a às necessidades específicas do contexto, neste caso, da Escola Secundária Fernando Namora. Relativamente ao método de abordagem utilizado nesta ação este sofreu algumas alterações durante todo o processo, devido a fatores como a escolha do tema e o tempo disponível.

Quanto à ação de formação no âmbito do estágio, esta foi realizada no dia 3 de Junho de 2016 e dividiu-se em duas fases. Uma primeira fase de formação teórica e uma segunda fase prática. De referir que existiu uma grande adesão por parte do Grupo de Educação Física, estando todos os professores presentes na ação de formação, devido não só ao interesse demonstrado pela temática, como também ao prévio planeamento de uma data em conformidade com as disponibilidades de todos os formandos.

No que refere à parte teórica foi realizada uma apresentação *Prezi* através da qual foram transmitidos conteúdos relativos à importância do tema, normas de segurança, princípios básicos do surf e bodyboard, introdução ao deslize e técnicas base e ainda de como planear, conduzir e manipular o material disponibilizado na escola para este tipo de trabalho. Recorreram-se a exemplos práticos adaptados à realidade da escola, através de uma apresentação de diferentes exercícios a utilizar para cada um dos materiais disponíveis na escola, e à apresentação de propostas de tarefas adaptadas aos diferentes espaços da escola. Recorreu-se ainda a vídeos representativos da realidade das modalidades de surf e bodyboard.

Todos estes materiais e exemplos de tarefas serviram como forma de fornecer bases de atuação para os professores do grupo no que refere ao desenvolvimento de matérias alternativas ao currículo, numa perspetiva de que esta formação e os exemplos apresentados se constituíssem como estimuladores da criatividade de cada um, promovendo o desenvolvimento de competências ao nível do planeamento, condução e avaliação do trabalho na área de extensão das Atividades Físicas e Desportivas.

A disponibilidade e receção dos formandos às informações transmitidas foi muito positiva, tendo-se proporcionado momentos de prática e experiências extremamente enriquecedoras e reveladores do interesse e da pertinência do tema para cada um dos alunos e professores.

Quanto a esta fase da sessão, poderá ser apontada como menos positiva a gestão da duração da mesma. Devido ao facto de algumas turmas terem aulas de 45 minutos e outras de 90 minutos e, pela parte introdutória (teórica) ser algo extensa na procura da assimilação de informação e facilitação da compreensão de movimentos.

No que refere à parte prática, conscientes da necessidade de promoção de um elevado nível de adesão e motivação para a prática, bem como da reduzida disponibilidade de horário, procurou-se criar uma situação dinâmica e apelativa de modo a aprofundar os conhecimentos transmitidos na primeira parte da sessão. Atentando ainda na importância que esta ação podia ter na melhoria das relações sociais dos professores, todas as nossas atividades privilegiavam o trabalho de grupo ou interação entre pares.

A adaptação à ação promoveu que a atividade fosse composta por um circuito de reconhecimento dos materiais (raramente utilizados pela maioria dos professores). Ainda de acordo com a parte prática da formação, foram utilizadas fichas de tarefa que indicando os objetivos e componentes críticas da tarefa e/ou do gesto a realizar, guiaram o transfer entre compreensão e realização. De modo a tornar esta atividade mais dinâmica, os alunos dentro de cada estação tinham diversas progressões que tornavam as tarefas gradualmente mais desafiantes e estimulantes. Com esta tarefa possibilitou-se uma situação de planeamento (definição de exercício e forma de organização), a condução (através da instrução) e a avaliação (*feedback*) por parte de cada um dos professores.

No nosso entender, esta sessão de formação constituiu-se como um elemento extremamente importante não só na nossa formação como na formação de todos os professores do Grupo de Educação Física. Os conteúdos transmitidos e aprofundados através da parte prática permitiram revelar que existiam grandes lacunas no seio do Grupo no que refere ao trabalho de modalidades de deslize. Através desta ação, com os seus exemplos práticos e com a passagem de uma metodologia de atuação procurou-se aproximar o modo de atuação de todos os professores do grupo de modo a concorrer para um maior sucesso de todos os alunos da escola.

Para a nossa formação, a possibilidade de planejar e realizar uma sessão de formação de formadores foi extremamente interessante na medida em que obrigou a um trabalho com um detalhe diferente, procurando-se transmitir mais do que apenas o como realizar, mas sim o como ensinar a realizar. Para que fosse possível transmitir esta informação com qualidade houve a necessidade de realizar um aprofundamento do conhecimento relativo à metodologia de trabalho das modalidades de Surf e Bodyboard, procurando-se que essa formação fosse realizada numa perspetiva de aumentar o conhecimento pedagógico do conteúdo.

De notar, a partir da alegria que fez sentir por parte dos alunos na sua participação ativa, que mais ações neste sentido devem ser colocadas em prática, não só aumentando o leque de soluções de matérias alternativas para todos os professores do GEF como também, para que os alunos possam disfrutar de outras realidades e experienciar novas práticas e aprendizagens.

2.3. ÁREA 4: RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Existem diversas funções a desempenhar enquanto professor estagiário no sentido de potenciar a experiência de aprendizagem, não se restringindo apenas à lecionação de aulas. Neste sentido, será feita uma análise do desenvolvimento de competências adquiridas relativamente à compreensão da importância da relação com a comunidade escolar. Esta área será dividida em dois principais domínios, sendo estes: o estudo de turma e o acompanhamento das funções do Diretor de Turma no acompanhamento pedagógico da turma destinada.

2.3.1. Estudo de Turma

Para o êxito da intervenção no processo de aprendizagem é essencial ter conhecimentos das particularidades sociais, culturais e psicológicas dos alunos de forma individual e enquanto turma, dado que este conhecimento fornece uma base para a tomada de decisões fundamentais para a preparação das aulas (Bento, 1987). Posto isto, foi o “Estudo de Turma” que contribuiu para a aquisição dos pressupostos que constituem a competência relativa ao conhecimento dos alunos da turma.

Inicialmente, durante o 1º período letivo foram aplicados questionários aos alunos relativamente às suas relações de preferência e rejeição entre eles em três domínios distintos: Domínio social, onde foi questionado quem convidava para a sua festa de aniversário e quem não convidava; Domínio académico, onde foi questionado

quem escolhia de fazer um trabalho de grupo e quem não escolhia; Domínio desportivo, onde foi questionado quem escolheria para fazer parte do grupo aulas de Educação Física e quem não escolheria.

Outra das tarefas do Diretor de Turma passa pela elaboração do Estudo de Turma, no qual me voluntariei para o realizar na íntegra de forma a adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre os alunos.

Os questionários permitiram a obtenção de informações úteis para a disciplina de Educação Física, como por exemplo, permitiu analisar as relações interpessoais no seio da turma e avaliar o grau de integração de uma criança no grupo. Estes aspetos são fundamentais para melhorar a intervenção pedagógica, uma vez que a organização das relações da turma repercute-se na criação de um clima na aula positivo, uma vez que segundo Pessegueira, Santos e Daniel, (2008) as crianças impopulares tendem a abandonar a escola duas a oito vezes mais que as populares e do ponto de vista afetivo/emocional as crianças avaliadas como impopulares, sentem: solidão, insatisfação social e maior tendência para desenvolver problemas ao nível do comportamento.

Outro questionário que foi aplicado, baseou-se na imagem corporal que cada aluno tinha de si. O teste contava com questões sobre a sua rotina diária, principalmente ao nível das horas de sono e dos hábitos de higiene e de alimentação, bem como a sua opinião pessoal relativamente ao seu corpo.

Com isto, tive a oportunidade de realizar uma breve apresentação em suporte multimédia dos resultados obtidos nas reuniões do Conselho de Turma e dos Encarregados de Educação, tal como sugere o Guia de Estágio. A apresentação aos professores do Conselho de Turma correu como o esperado, uma vez que os professores manifestaram a sua opinião através de comentários pertinentes ao longo de toda a apresentação, recolhendo ainda informações fulcrais sobre cada aluno, grupos de alunos e de forma abrangente, a toda a turma. Esta interação não só permitiu uma análise transversal a todo o processo de ensino e aprendizagem como também à gestão deste processo, especificamente à gestão e formação de grupos de trabalho e cooperação.

2.3.2. Direção de Turma

O Diretor de Turma é um professor posicionado numa estrutura pedagógica de gestão intermédia da escola, particularmente centrado nos alunos e na gestão dos mesmos, especializado na organização de um trabalho cooperativo entre os diferentes professores da turma que dirige, em benefício do desenvolvimento intelectual e pessoal destes discentes. (Boavista & Sousa, 2013). O Diretor de turma assume-se assim como uma peça fundamental a nível de escola na relação entre alunos e professores e a nível externo na relação com os encarregados de educação.

Devido a este seu posicionamento, segundo Boavista e Sousa (2013), o Diretor de Turma é colocado numa interface entre duas áreas de intervenção: a docência e a gestão. A docência pelo facto de ser um dos professores do conselho de turma, e a gestão pela sua função de líder deste grupo de professores e pelas suas responsabilidades na articulação entre os diferentes atores escolares.

Pelo papel de líder escolar deve mostrar-se apto a enfrentar um clima de entropia quotidiana, no sentido de fomentar a colegialidade e a cooperação dos seus liderados (i.e., professores) de forma a procurarem alcançar objetivos comuns e decisões possíveis. Deve ser um elemento respeitado e respeitador, com competências pessoais bastante demarcadas que possibilitem estabelecer a relação entre a escola e os pais, bem como unir os professores da turma envolta de objetivos gerais.

Considerando estas funções, será pertinente que o Diretor de Turma seja um professor com características que se enquadrem nas funções que desempenha, desde logo, com a capacidade de lidar com diferentes situações mantendo uma elevada coerência e flexibilidade e mantendo a ética e profissionalismo em todas as ações em diferentes contextos e com diferentes intervenientes. Assim, seria interessante que este profissional fosse, mais do que uma pessoa com características pessoais propícias ao desenvolvimento de um bom trabalho, um elemento com formação específica nas diferentes funções de gestão e de docência relacionadas com o desempenho do cargo.

2.3.2.1 Reuniões de Diretores de Turma

Segundo o Regulamento Interno (2011), o Coordenador de Diretores de Turma tem a função de coordenar e articular os planos curriculares das diferentes turmas, tendo que efetuar uma convocatória para as reuniões com todos os Diretores de Turma, no final de cada período letivo, diferenciando o ensino básico do secundário. Esta convocatória é realizada através do envio de uma brochura através de correio eletrónico, onde são descritos os assuntos que serão abordados durante a reunião. O Diretor de Turma deve analisar a brochura anteriormente referida, de modo a questionar eventuais dúvidas relativamente aos temas que serão abordados na reunião de Conselho de Turma.

2.3.2.2 Conselhos de Turma

De acordo com o artigo 7º do Decreto Regulamentar n.º 10/99, a coordenação das atividades do conselho de turma é realizada pelo Diretor de Turma, o qual é designado pela direção executiva de entre os professores da turma, sendo escolhido, preferencialmente, um docente profissionalizado.

A primeira reunião de Conselho de Turma iniciou-se com a exposição de informações relativas aos alunos pelo Diretor de Turma. As principais informações apresentadas passavam pela sua proveniência, pelos problemas de aprendizagem anteriormente identificados noutras escolas e por eventuais problemas de saúde diretamente relacionados com a disciplina de Educação Física.

Como referido anteriormente, numa das reuniões de Conselho de Turma, tive a oportunidade de partilhar com todos os elementos presentes as informações retiradas da realização do Estudo de Turma, tendo sido oportuno e benéfico para todos os elementos do Conselho de Turma enquanto professores dos alunos referidos, de modo a arranjar estratégias para melhorar a aprendizagem de cada um e antecipar eventuais problemas e dificuldades.

Todas as decisões do Diretor de Turma são tomadas com conhecimento de todos os elementos do Conselho de Turma, no sentido de promover a cooperação entre o grupo e a consolidação das relações profissionais benéficas para todo o processo de aprendizagem dos alunos. Assim, a posição proporcionada pelo Diretor de Turma é vantajosa no desenvolvimento do trabalho cooperativo.

O trabalho de planeamento em conjunto com os diferentes professores das atividades da escola é um exemplo prático deste tipo de articulação. A recolha das planificações no início de cada período, organizando as atividades a desenvolver nas diferentes disciplinas funcionam como um trabalho articulado que possibilitará, posteriormente um desenvolvimento das atividades com maior sucesso.

Neste sentido, a presença do Delegado e Subdelegado de Turma nas reuniões do Conselho de Turma, com uma preparação prévia da participação seria um bom método de articulação plena entre professores, alunos e Diretor de Turma. Considero extremamente interessante e relevante, não só para os alunos responsáveis, como para todos os alunos da turma, este trabalho de articulação com o Diretor de Turma e a responsabilização pela transmissão de informações e de vontades da turma aos professores num momento formal de reunião de Conselho de Turma.

Desta forma destaco algumas sugestões que parecem pertinentes e que poderão provocar melhorias na intervenção da Escola/Professor: a manutenção das políticas de acompanhamento dos alunos através de tutorias, promoção e valorização do desporto escolar, implementação de medidas de promoção da relação escola-família através de comunicação positiva, atividades conjuntas, abertura à comunidade escolar e ainda diversificação dos canais de comunicação, a preparação antecipada da integração de novos alunos.

2.3.2.3 Encarregados de Educação

Muitas são as funções do Diretor de Turma, tendo sido referidas anteriormente, no entanto, outra função deste baseia-se na realização de uma ligação entre a escola e a família, garantindo uma atualização de informações junto dos Encarregados de Educação dos alunos sobre a sua integração no contexto escolar, do seu aproveitamento escolar, das faltas às aulas e das atividades escolares.

Para estabelecer uma relação positiva com os Encarregados de Educação é essencial que o Diretor de Turma demonstre a capacidade de se relacionar e de garantir a articulação entre os alunos e professores, bem como entre professores e Encarregados de Educação. Reunindo as informações transmitidas nas reuniões e organizando-as de acordo com uma perceção detalhada e um conhecimento profundo das características de cada um dos intervenientes.

O contacto com os Encarregados de Educação, na procura do desenvolvimento de uma relação positiva foi promovido, neste caso, através de reuniões individuais realizadas no início do ano. Após este contacto individualizado inicial, foi possível que estas reuniões apenas se tornassem esporádicas, sendo a comunicação realizada por outros canais, nomeadamente através de chamadas telefónicas ou por correio eletrónico. A meu ver, a relação desenvolvida entre o Diretor de Turma e os diferentes intervenientes revelou-se essencial na garantia de uma articulação eficaz entre todos ao longo do ano. Assim, considero as referidas estratégias de relacionamento fundamentais ao desempenho da função com sucesso.

No entanto, promove-se pouco a participação e colaboração dos Encarregados de Educação na escola, tal como foi possível constatar na investigação elaborada pelo Núcleo de Estágio anterior e ainda pela falta de presença de alguns Encarregados de Educação nas reuniões agendadas. Para suprir esta lacuna poderia, por exemplo, ter sido realizada uma atividade conjunta entre alunos e Encarregados de Educação. Esta atividade poderia ter sido conseguida com algum sucesso trabalhando em articulação com o professor e grupo de Educação Física de modo a organizar, um dia de atividade desportiva para pais e filhos. Este tipo de organizações poderia ter elevados benefícios ao nível da aproximação e do estreitamento da relação escola-família. Penso que esta teria sido uma das funções onde, enquanto estagiário, poderia ter contribuído de forma mais benéfica, através de uma maior proatividade na proposta de uma situação deste género, que poderia ter sido uma excelente forma de acrescentar valor ao meu trabalho de acompanhamento da Direção de Turma.

Destacam-se assim algumas sugestões para uma melhoria da intervenção dos EE na vida escolar, em que se recomenda uma abordagem positiva e discussão saudável dos assuntos da escola e o proporcionar de momentos de experiência e aprendizagem (visitas a museus, eventos musicais e desportivos).

2.3.2.4 Alunos

Durante o estágio tive a oportunidade de acompanhar os alunos em diversas atividades, conseguindo criar uma relação profissional com estes, o que foi benéfico para a criação de um vínculo profissional aluno-professor. Considero essencial obter informações sobre os alunos, de modo a entender cada aluno individualmente e, também como grupo.

Para a obtenção destas informações revelou-se essencial o estudo de turma realizado no início do ano, referido anteriormente, onde se recolheram informações

relativas a todos os alunos, assim como informações relativas às relações interpessoais desenvolvidas no seio da turma. Este estudo aleado a uma relação próxima com os alunos, promovida durante as aulas de Educação Física e durante as conversas do horário de atendimento ou mesmo extracurriculares, contribuíram para uma relação de confiança e proximidade com os alunos.

Relativamente à escolha do Delegado e Subdelegado da turma esta foi realizada algumas semanas após o início do ano letivo, para que os alunos se pudessem conhecer e, por sua vez, escolher os alunos que consideram que devem ser o Delegado e Subdelegado da turma. Considero a estratégia tomada benéfica para a relação entre os alunos, uma vez que foram realizadas várias atividades para que estes se pudessem conhecer, tanto em contexto de sala de aula como em contexto de atividades fora da sala de aula.

Na turma que lecionei os alunos tinham personalidades e vivências diversificadas, sendo que muitos dos alunos eram provenientes de famílias destruturadas, necessitando de apoio psicológico, bem como apoio de todos os professores e alunos. Assim, é possível afirmar que é essencial conhecer os alunos e os vários membros da família para que os alunos tirem o máximo aproveitamento escolar e social.

2.3.2.5 Funções Burocráticas

O Diretor de Turma tem várias funções, como foram referidas anteriormente em pormenor, no entanto, tem também funções burocráticas a cumprir, sendo exemplos destas a análise da acumulação de faltas injustificadas dos alunos semanalmente e a análise das participações disciplinares realizadas pelos professores. Relativamente às participações disciplinares, na turma que lecionei, ocorria um grande número de ocorrências, devido ao comportamento inadequados de alguns alunos dentro da sala de aula, tendo de ser enviado uma carta a explicar a ocorrência aos Encarregados de Educação, sendo que essas cartas eram escritas pelo Diretor de Turma, sobrecarregando-o com mais uma tarefa.

No início do ano letivo foi marcado um horário para atendimentos dos Encarregados de Educação ou familiares dos alunos, no entanto, muitas vezes os familiares não podiam comparecer nesse horário devido a motivos pessoais, tendo que marcar para outro horário compatível com o horário do Diretor de Turma. Esta mudança de horário de atendimentos aos familiares tornava o horário do Diretor de

Turma ainda mais preenchido, para isto o Diretor de Turma tinha de organizar semanalmente a sua agenda para poder comparecer a todos os seus compromissos.

CONCLUSÃO / REFLEXÃO FINAL

O mestrado é composto por duas fases distintas, sendo que a primeira parte caracteriza-se pela formação inicial através da aprendizagem teórica de conhecimentos essenciais para ser Professor de Educação Física, dadas em todas as disciplinas constituintes dos dois anos de Mestrado, considero que a etapa inicial foi concluída com sucesso, devido ao meu empenho e de todos os Professores que lecionaram as Unidades Curriculares.

Relativamente à segunda fase do Mestrado, o estágio curricular, considero uma etapa fundamental para a minha formação, uma vez que me permitiu utilizar os meus conhecimentos teóricos adquiridos na fase inicial do Mestrado, passando-os à prática. O estágio permitiu-me ter o primeiro contacto como Professor de Educação Física, o qual superou todas as minhas expectativas, tendo sido uma experiência rica e muito positiva para a minha vida profissional e pessoal.

O contacto direto com todos os elementos da Escola Secundária Fernando Namora tornou o meu estágio ainda mais rico, uma vez que as relações pessoais e profissionais se basearam no respeito e na interajuda. O apoio de todos os Professores, do Diretor de Turma e dos alunos foi fundamental para a realização de todas as atividades planeadas.

O principal objetivo do estágio curricular baseia-se na autonomia da ação docente durante todas as atividades, posto isto, considero que este objetivo foi atingido na totalidade e com sucesso.

Concluindo, afirmo que todas as atividades realizadas e planeadas durante o estágio revelam todo o trabalho e empenho que entreguei durante todo o estágio, bem como as relações que foram estabelecidas com os Professores e alunos da Escola Secundária Fernando Namora, tornando esta etapa fundamental para o meu presente e para o meu futuro enquanto Professor de Educação Física.

REFERÊNCIAS

- Araújo, F. (2007). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física – um olhar integrado. *Boletim SPEF*, 32, 121-133;
- Agrupamento de Escolas Fernando Namora (n.d). *Guia de Estágio Pedagógico 2015/2016, Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários da Faculdade Motricidade Humana. Documento não publicado;*
- Agrupamento de Escolas Fernando Namora (n.d). *Projeto Educativo de Escola (2015-2018). Documento não publicado;*
- Agrupamento de Escola Fernando Namora (n.d) *Regulamento Interno (2011). Escola Secundária Fernando Namora. Documento não publicado;*
- Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte;
- Boavista, C., Sousa, O., *O diretor de turma: perfil e competências*. Revista Lusófona de Educação, v.23, n.23, Julho 2013. ISSN 1646-401X
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física, *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151;
- Domingos, A. (1987). *Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora;
- Decreto Regulamentar n.º10/99;
- Kobal, M.C. (1996). *Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Campinas, UNICAMP;
- Ministério da Educação (2001). *Programa Nacional de Educação Física: 3º Ciclo do Ensino básico;*
- Mosston, M. & Ashworth, S. (1990). *The Spectrum of teaching styles – from comand to discovery*. White plains, NY: Longman;
- Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didática em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, 75-97;

Onofre, M. (2000). Conhecimento prático da auto-eficácia e qualidade de ensino: *Um estudo multicaso em professores de educação física* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Motricidade Humana/ Universidade Técnica de Lisboa.

Pessequina, I., Santos, A., Daniel, J., (2008). A concordância entre medidas sociométricas e a estabilidade dos estatutos sociais em crianças de idade pré-escolar. *Análise psicológica* 26(3), 479-490.

Rosado, A. (1998). *Nas margens da Educação Física e do Desporto*. Cruz-Quebrada: Edições FMH;

Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre planificação didática. In *Pedagogia do Desporto: estudos 7*. Faculdade Motricidade Humana Edições;

Rosado, A., Mesquita, I. (2009) *Pedagogia do Desporto*. Faculdade Motricidade Humana Edições, P. 43, 72, 82, 84, 90, 187;

Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Palo Alto: Mayfield Publishing Company;